



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16231 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**A VIDA É AMIGA DA ARTE: OS CURRÍCULOS COTIDIANOS NAS “ARTES DE DANÇAR” PELA CIDADE**

Maristela Petry Cerdeira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Fernanda Mello - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Júlia da Silva Lima - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

**A VIDA É AMIGA DA ARTE: OS CURRÍCULOS COTIDIANOS NAS “ARTES DE DANÇAR” PELA CIDADE**

Como se dá uma conversa com a fala e textos entre os *‘praticantespensantes’* (Oliveira, 2012)? E com os pesquisadores com os cotidianos? Deleuze (2013) nos diz que é na conversação que os conhecimentos são produzidos. As artes são multilíngues por falar a linguagem de si e do mundo simultaneamente. Enquanto artefato cultural, as artes produzidas permeiam os movimentos de aprendizagem em toda a sua dinâmica. Elas podem contribuir para o exercício de vislumbrar as diferentes realidades que a circundam, pois “[...] a arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (Deleuze; Guattari, 2007, p. 208). São vozes reunidas para divagações, indagações, questionamentos, problematizações, são nossos “personagens conceituais”.

Neste trabalho, trazemos parte de uma pesquisa em andamento, não apenas de um autor, mas de um grupo que se mobiliza e é mobilizado a *‘sentiragirpensar’* e a mergulhar com todos os nossos sentidos no mundo (Alves, 2019) e nos seus infinitos cotidianos educativos, *‘dentrofora’* das escolas, com destaque nas experiências com o corpo, com o gesto, com a imagem, com os sons e com os trânsitos pela cidade. Além de *‘verouvirsentirpensar’* e desenvolver *‘conhecimentossignificações’* nas nossas pesquisas com os cotidianos, buscamos compreender que não se separa significados dos sentidos e que todas

essas ações fazem parte das “artes de fazer” (Certeau, 2014) e criar nas nossas ‘*prácticasteoriaspráticas*’. Para Deleuze (2010), nossos personagens conceituais com os quais produzimos se dão entre o mundo e cada interlocutor, visto que os caminhos da pesquisa também podem nos impulsionar a transpô-las em conquista de oportunidades a novas caminhadas, usando os passos, o próprio corpo, os gestos, as escutas, os cheiros, os olhares, ou seja, todos os sentidos. No percurso da cidade, nos encontros, as conversas, que são nossa metodologia de pesquisa (Alves; Ferraço, 2018), transformam-se em convites a todos os ‘*praticantespensantes*’. Esses, por sua vez, passam a percorrer cotidianamente seu estar e caminhar pela cidade. Pesquisamos com os cotidianos, para que os ‘*praticantespensantes*’ estejam onde estiverem, não só na escola, mas também no dia a dia dos caminhos das cidades.

Nessa perspectiva, esta proposta traz alguns ‘*conhecimentossignificações*’ que a vídeo-dança “*Fora de campo*” (Itaú Cultural, 2006-2007) nos inspirou para dançar também através de intervenções com os cotidianos. Na produção audiovisual, a artista-personagem encena um serviço de entrega, no qual oferece uma dança para quem aceitar assisti-la performar, sempre em diferentes lugares da cidade e para diferentes pessoas: na rua, em um ateliê de costura, em um açougue ou padaria, na praça, no bonde de Santa Tereza, em bares, em estúdios de dança e onde mais os seus interlocutores aceitem o convite ao espetáculo oferecido gratuitamente. Nosso encontro com essa arte suscitou a vontade da dança, do gesto, do corpo em movimento, mesmo que o corpo que dança em ‘*Fora de Campo*’ esteja invisível para os espectadores, pois não se vê a artista dançando. Sabemos que há a dança pelas reações das pessoas na intervenção filmica registrada.

Nesta pesquisa, temos por objetivo compreender como os sons, as imagens e as narrativas possibilitam a criação de currículos cotidianos com o nosso próprio caminhar pela cidade, em gestos de uma enunciação “deslocada”, a partir de “uma ciência da fábula”, com os “ruídos dos corpos” (Certeau, 2014). Ao tomar um filme de dança onde os passos não são propriamente visualizados, ganha destaque a arte contada por quem a ‘*ouvevêsentepensa*’ em diálogo com quem a coreografa e faz a dança acontecer. Comentários como “tô tremendo até agora” e “que forma maravilhosa de produzir saúde” ilustram como essa experiência pode ser transformadora, levando o público a uma nova compreensão da dança e de si mesmo. Nessa experiência coletiva, onde todos compartilham emoções e as reações à dança “[...] cria[m] imagens e emoções que são tão verdadeiras como os encontros presentes em nossas vidas” (PALLASMAA, 2013, p. 136).

A conversa entre a dança e o público nos convida a considerar como as artes podem ser uma forma de entrega e como podemos nos permitir a ‘*verouvirsentirpensar*’ por meio dela. Nossa caminhada pela cidade, nossos passos em sala de aula, nossos corpos em movimento e nossa criação a partir dela não são anulados. Tudo depende do que queremos entregar e receber, já que cada sujeito tem seu estilo, seu ritmo, sua forma de coreografar para incluir enunciações pedestres e a fala dos passos perdidos nesses currículos para narrar a vida e literaturizar a ciência (Alves, 2019).

Palavra-Chave: Cotidianos. Currículos. Cidade. Videodança.

## REFERÊNCIAS

Alves, Nilda; Ferraço, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos - a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In* Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael; Sanchez, Carmem (orgs.). **Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?** Curitiba: CRV, 2018. p. 55-63.

ALVES, Nilda. “Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas”. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. (orgs.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia.3. ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. O currículo como criação cotidiana. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.

PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ITAÚ CULTURAL. Programa Rumos 2006-2007. ‘Fora de Campo’. YouTube, 2006, 6’31 Duração. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=AayDB7j5TDw>> acessado em: 05/08/2024